

UM CERTO SENTIDO DE DERIVA

José Rui Teixeira (2ª ed. 2020).

Acerca do desterro: hermenêutica literária e arqueologia cultural.

Prólogo de Guilherme d'Oliveira Martins

(Porto: Cosmorama edições)

Acerca do desterro de José Rui Teixeira apresenta-nos um conjunto de estudos que nos permitem configurar um contexto finissecular novecentista — passando por Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes ou Manuel Laranjeira, em diálogo com Miguel de Unamuno — em conexão com as primeiras décadas do século xx — convocando autores como António Nobre, Mário de Sá Carneiro ou António Pedro, sem ignorar poetas como Guilherme de Faria ou Judith Teixeira — enquanto um período muito próprio da história literária portuguesa. No entanto, não nos deixemos tentar pela falácia de estarmos perante o encontro com um conjunto de autores proscritos de um tempo e de um espaço cultural, mesmo que nos possamos sentir influenciados pelas palavras do autor quando afirma que *Os sete ensaios aqui reunidos [...] têm em comum um certo sentido de deriva* (p. 14). Ora, é precisamente a imagem de deriva que irá colocar esta plêiade de autores no caminho de uma modernidade que devemos auscultar. A abordagem que José Rui Teixeira aqui nos oferece instala-nos precisamente numa série de idiosincrasias que, em determinados momentos, nos podem aproximar do paradoxo, e que muito terão que ver com um carisma e um temperamento próprios de uma cultura lusitana que tem sido alvo de interpretação por pensadores como Eduardo Lourenço ou Guilherme d'Oliveira Martins, autor do prólogo ao livro; uma cultura que, embora acusando a sua condição periférica, não despreza a oportunidade de ir ao encontro da tão ambicionada abertura que a modernidade alberga e do diálogo mais cosmopolita com que a Europa nos seduzia. Talvez seja essa a premissa para entender o pensamento atormentado de Antero de Quental, ou o

incomportável desejo de absoluto de Guilherme de Faria, mas também as derivas de Mário de Sá Carneiro ou a ousadia e a coragem literária de uma mulher como Judith Teixeira, a qual foi injustamente — mas não tão incompreensivelmente — rejeitada e diminuída pelos seus companheiros de escritas.

O roteiro que nos é traçado por estes estudos surge legitimado por um firme trabalho de arqueologia documental, incluindo alguma informação inédita. Obviamente, numa obra em que a interpretação identitária assume um acusado protagonismo, os contextos e contextualizações biográficos acabam por ser fundamentais e *Acerca do desterro* revela um criterioso trabalho de investigação que se complementa com as interessantes leituras e interpretações que o autor nos apresenta:

Confesso que me agradam leituras hermenêuticas que não prescindem de perspetivas biografistas, sobretudo em poetas que se situam a uma distância temporal que permita um campo de visão mais alargado sobre as suas vidas e obras. [...] há poetas que, ao invés de deixar na sua obra um rasto de materiais autobiográficos, conformam a sua existência com um propósito de *magnum opus* (144).

Esta postura assume-se como fundamental na construção de um trabalho como este, já que a configuração humanista de uma época não pode desprezar as vivências próprias, circunstanciais, de um autor; contudo, não devemos ignorar que esse humanismo só assume a sua verdadeira dimensão quando se instala na obra do autor para a dotar de uma identidade própria e lhe outorga um papel dinamizador na reinterpretação de uma imagem mais ampla e universal. Esta postura impele-nos, conjuntamente, a ampliar e renovar o diálogo com as lições de literatura que fomos aprendendo ao longo dos tempos, levando-nos a reinterpretar as perspetivas mais dogmáticas que possamos ter construído com relação a um dos períodos mais significativos da nossa história literária, como é o modernismo e, por analogia, essas décadas que marcam a viragem do século XIX para o século XX.

Todo este trabalho abre um leque de interpretações hermenêuticas constantemente renovadas da obra dos autores estudados e, inevitavelmente, conduz-nos até à nossa contemporaneidade. Partindo dessa base

finissecular, o que estes ensaios nos apresentam é a elevação da memória cultural e literária enquanto caminho de edificação de uma cultura moderna e contemporânea. Estudar e interpretar um período literário desde outras conjeturas apenas nos pode permitir traçar um perfil mais autêntico e dinâmico e, inevitavelmente, mais enriquecedor. No caso destes autores, unidos por essa condição de desterro e de deriva, atender ao detalhe, ao pormenor, ou até ao que nos possa parecer secundário, apenas nos pode ajudar a reconstruir as raízes de uma modernidade que foi capaz de ultrapassar o nosso modernismo e que resiste ao suceder dos tempos. É neste sentido que recebemos e dialogamos com as palavras que Guilherme d'Oliveira Martins, inscreve no seu prefácio a estes estudos:

As análises e percursos que aqui são seguidos permitem-nos conhecer várias perspectivas sobre a cultura portuguesa contemporânea. Sim, apesar do tempo passado ser essencialmente o da primeira metade do século xx, a verdade é que estamos diante dos fundamentos do que hoje é ainda a nossa realidade cultural, nas suas diferenças e complexidades (14).

Os estudos de José Rui Teixeira regem-se por um rigor académico, intelectual, e ainda por uma leveza do discurso. Obviamente, o saber do poeta, do alquimista da palavra, não pode ser alheio a esse trabalho apurado e preciso, assim como ao convite que nos é feito permanentemente à exploração de caminhos menos trilhados pela crítica literária, e *Acerca do Desterro - Hermenêutica literária e arqueologia cultural*, publicado primeiramente em 2018, e reeditado em 2020, constitui uma nova prova da disciplina, mas também do sentir que dá forma ao pensamento do autor.

MARÍA DE LOURDES DOS ANJOS MARQUÉS PEREIRA
Universitat de les Illes Balears
lourdes.pereira@uib.es